

GRUPOS ETÁRIOS E CONFLITO DE GERAÇÕES: BASES ANTROPOLÓGICAS PARA UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Theophilos Rifiotis

A idade e o gênero são critérios básicos de diferenciação biológica, que nas sociedades humanas tornam-se significativos pela sua apropriação cultural. Sabemos que a ação cultural dá sentido a estes fenômenos naturais criando um universo simbólico, que é invisível para os agentes sociais, como a gramática da língua. Por outro lado, estes fenômenos trazem ainda o apelo à interdisciplinaridade, implicando na necessidade de domínio teórico das diversas disciplinas mobilizadas para a análise; isto representa uma grande dificuldade, dada as nossas formações parciais.

No campo da antropologia, as questões etárias têm tido uma presença constante, independentemente da área cultural ou momento histórico estudados. A importância desta temática mostrou-se particularmente significativa no estudo do complexo conjunto de fenômenos que teve lugar entre os anos 50 e 70, e que recebeu a designação genérica de “conflito de gerações”. Atualmente, com o significativo crescimento da população idosa, que está transformando a pirâmide etária da população mundial, o envelhecimento tornou-se uma questão da maior importância. Em termos demográficos, estamos vivendo uma revolução, que ainda não encontrou as necessárias respostas na produção e reprodução sociais. O envelhecimento tem recebido respostas parciais em termos de políticas, públicas ou privadas, sem que mudanças significativas tenham lugar no nosso modo de pensar e agir. Acreditamos que para superar esta situação fazem-se necessárias

contribuições de diferentes ordens, cabendo ao pesquisador somar as diversas contribuições específicas, integrando-as na análise do envelhecimento dentro da dinâmica geral dos grupos etários.

Para contribuir no campo dos estudos interdisciplinares das chamadas "idades da vida", apresentamos neste texto os fundamentos antropológicos dos processos sociais relativos ao estudo da dinâmica etária. Concentramos aqui na discussão de três questões básicas: do conceito de grupo etário, na sua relação com a estrutura familiar e no chamado conflito de gerações. De um ponto de vista mais amplo, acreditamos que esta sistematização é importante para uma "desnaturalização" deste objeto. Em outros termos, o corpo conceitual da antropologia relativo às idades, tendo sido construído através do estudo da variabilidade histórica e cultural, e estando voltado para a heterogeneidade dos comportamentos sociais, pode contribuir para a necessária relativização das nossas próprias práticas e modo de pensar o nosso sistema etário¹.

A categoria "idade" e os grupos etários

» Destacamos preliminarmente que a categoria "idade" pressupõe diferentes momentos, uma sucessão, cujo sentido está na sua dinâmica e não em cada elemento considerado isoladamente. Tendemos a identificar em todas as sociedades uma divisão tripartite entre crianças, adolescentes núbéis e pais, com direitos e deveres específicos. Nesta divisão, as crianças, seriam, evidentemente, as primeiras, um conjunto formado pelo nascimento e sua aceitação na sociedade. A essa primeira categoria, marcada biologicamente pelo nascimento e concretizada pela aceitação social, seguir-se-ia uma segunda, definida por sinais de amadurecimento sexual², associados a uma potencial legitimação da relação sexual através do casamento. A regra que marcaria a continuidade entre estas categorias e aquela da situação de pais é a reprodução biológica, cuja ocorrência é sempre socialmente sancionada.

Ao contrário do que se possa supor, a divisão tripartite não corresponde a um estágio primordial da organização social humana; ela é

¹ Este artigo faz parte do nosso trabalho de doutoramento, onde analisamos as "idades da vida" em sociedades banto-falantes. Por esta razão os exemplos citados referem-se na sua maioria a sociedades negro-africanas (Rifiotis, 1994).

Evidentemente, o que se chama amadurecimento sexual tem expressão diferenciada conforme o sexo. Assim, a primeira menstruação é um sinal marcante para o sexo feminino, enquanto o aparecimento de pelos, comum aos dois sexos, é menos explícito, embora seja utilizado como critério de diferenciação, assim como o porte físico.

uma manifestação tardia que corresponde apenas em certos casos à realidade etnográfica. Essa divisão das idades, portanto, está diretamente relacionada a critérios bio-sociais definidos segundo o eixo da reprodução, e tem na puberdade o momento de transição para a situação de reprodutor.

Presente em todas as dimensões do desenvolvimento individual e social, a idade não pode ser considerada um fenômeno natural; ela é uma construção imaginária³. Cada cultura produz sua própria interpretação das "idades da vida" e a inscreve em instituições e comportamentos sociais determinados, dando-lhes expressão através das categorizações da língua, dos mitos, etc.

Tratando-se de categoria de grande complexidade e longa história, e que foi aplicada a uma imensa variedade de contextos sócio-culturais, faz-se necessária uma revisão do estado da arte, para tornar a "idade" uma categoria realmente operacional. Nesta tarefa, tomamos como ponto de partida a diferenciação etária, sob diferentes formas e com sentidos específicos, em todas as formas de organização social⁴. Este fato pode ser constatado facilmente na extensa etnografia produzida desde os primórdios da antropologia.

No início deste século, R. Lowie (1936), no *Tratado de Sociologia Primitiva*, analisa a idade como um fator determinante da organização social. Esta determinação se expressa diretamente na relação de *dependência* entre genitores e seus descendentes, que nunca é exatamente apenas biológica, sendo, desde a concepção, também *social*. Ela é decorrente dos processos de socialização que definem, entre outras, as funções e padrões de atitudes de maternagem e paternagem. Assim, diferenciação etária receberia sua carga em função do adestramento e integração social controlados pela geração dos progenitores; dito em outros termos, os pais seriam genitores biológicos e sociais da nova geração, que está em posição de dependência, material e afetiva (Eisenstat, 1954).

Esta visão geral tem sido aplicada nos mais diferentes contextos, sem que se tenha chegado a uma definição do seu campo próprio de análise. O

³ Entendemos que o imaginário é uma produção social necessária e dominante em todos os níveis da atividade humana, que não pode existir fora de uma rede simbólica.

⁴ Atualmente, os etólogos afirmam que é possível identificar em qualquer tipo de sociedades uma divisão de funções segundo critérios etários. Por exemplo, os jovens macacos exercem uma função de escolta, protegendo o grupo contra as agressões externas, e os mais velhos que são pesquisadores de alimento, etc (Rosenmayr, 1983).

que sabemos atualmente é que os grupos etários⁵ estão diretamente ligados ao complexo sistema de transmissão e aprendizado, de projeção e introjeção, de ligação e identificação que molda as personalidades e ao qual damos o nome de processo de socialização. A socialização é um processo fundamental para a continuidade social e está diretamente ligada aos grupos etários pelas relações entre pais e filhos e pelos ritos de iniciação, através dos quais institucionalizam-se esses grupos. Dada a importância desta temática, pode-se compreender o volume de estudos dedicados a descrição dos diferentes sistemas de grupos etários, destacando-se as sociedades negro-africanas, conhecidas pela importância dos ritos de iniciação na sua estrutura social⁶.

A revisão da bibliografia mostra que houve uma multiplicação dos trabalhos de campo, resultando numa descrição sistemática de diferentes sistemas etários nos mais diversos contextos sociais, sem que tenham havido modificações teóricas significativas. Pode-se afirmar que o único estudo teórico importante nesta área específica continua sendo *From Generation to Generation* de S. N. Eisenstadt (1956), cujo modelo teórico está baseado na teoria dos papéis sociais e orientação de valor desenvolvida por T. Parsons (Parsons & Shils, 1951). Este modelo está fundamentado na idéia de que a ação humana está baseada em "escolhas", "dilemas" de escolha entre diversas orientações possíveis. Assim, como sabemos, cada indivíduo desempenha múltiplos papéis na sociedade, e, como os comportamentos sociais não estão pré-definidos, mas representam um leque de possibilidades, ele deve optar, a cada interação, por uma determinada orientação de valor. Estas orientações de valor geram uma expectativa de atitudes, ou seja, de comportamentos socialmente diferenciados e relacionados com os papéis sociais desempenhados.

Neste ponto não poderíamos deixar de apontar um problema terminológico entre *grupo etário* e *classe etária*, que representa dois tipos de realidades que são normalmente confundidas. Poder-se-ia afirmar que este

⁵ É conveniente assinalar desde o primeiro momento que a nossa preocupação limita-se aos grupos etários masculinos. A revisão bibliográfica que se segue privilegia este corte, não podendo ser generalizada para além destes limites. Aliás, a falta de simetria quanto a esta temática é bastante evidente, embora não se lhe tenha encontrado ainda nenhuma explicação conclusiva.

⁶ No conjunto dos estudos teóricos há uma dominância dos exemplos tirados das sociedades negro-africanas, o mesmo que Cl. Tardis constatou com relação a chamada "realeza divina", o que fez do continente africano uma "terra dos reis-divinos". O volume de exemplos representa, no caso das sociedades negro-africanas, um traço civilizatório fundamental, e creio que é possível falar-se em "terra de iniciação".

problema reflete duas ênfases relativas à estratificação social baseada na diferenciação etária.

Na bibliografia de expressão francesa domina o uso da expressão *classe d'âge*, enquanto que em inglês utiliza-se *age-group*⁷. Não se deve porém concluir que os conceitos sejam equivalentes para todos os estudiosos, e que se trata apenas de um problema de tradução. Na realidade, há autores, como D. Paulme, que insistem sobre o caráter de *classe*⁸ presente na estratificação determinada pela idade em alguns contextos negro-africanos.

A diferença básica entre um *grupo* ou uma *associação* de indivíduos reunidos segundo limites etários e a *classe etária* propriamente dita seria bem definida a partir de critérios específicos desta última. Em nível geral, são considerados os seguintes aspectos diferenciais para a *classe etária* (Paulme, 1971:9 e 1968:1193-5).

- possui um nome, brasões, rituais, cantos;
- auto designa o seu chefe, encarregado de executar as decisões tomadas em comum;
- os membros cumprem trabalhos de utilidade pública;
- os membros reconhecem-se como iguais, e são solidários com relação ao exterior;
- as relações entre as diferentes classes são fixas.

Seguindo estes critérios, há que se ter sempre presente a diferença entre *grupo de idade*, conjunto de indivíduos de uma população determinada cuja idade está compreendida entre certos limites, ou seja, um grupo informal, e as chamadas *classes de idade*. Estas últimas têm um nome próprio, possuem divisas próprias (brasões, rituais, cantos) e têm um chefe

Na tradução brasileira da referida obra de S.N.Eisenstadt, por exemplo, optou-se por grupo de idade, enquanto que os comentadores franceses desta mesma obra empregam o termo "classe d'âge".

* É preciso ter em conta que o emprego extensivo, senão abusivo, do termo classe na concepção do materialismo histórico, não corresponde a intenção teórica de D.Paulme. Na realidade, este ponto será melhor explorado no último item deste capítulo quando tratarmos da especificidade dos sistemas etários africanos.

Lembramos ainda que, se na bibliografia francesa utiliza-se "classe d'âge" na maior parte dos casos, é, em parte, porque a antropologia, seguindo a história colonial, voltou-se preferencialmente para os grupos étnicos dos territórios coloniais. No caso específico da obra editada por D.Paulme, deve-se sublinhar que se trata de grupos étnicos da Costa Ocidental, onde a organização é mais formalizada.

encarregado de aplicar as decisões tomadas em comum. Os membros de uma *classe de idade* reconhecem obrigações mútuas, são solidários em relação ao "exterior", cumprem em conjunto certos trabalhos públicos. O sistema de classes de idade está estruturado de tal modo que as funções ligadas a cada uma das classes são importantes para a comunidade como um todo, e as relações entre elas são fixas. Este tipo de instituição encontra-se principalmente na África sub-sahariana da costa Oeste, embora não de modo exclusivo. Um dos casos mais conhecidos é sem o dos Maasai (Quênia), com seus graus: *ilayok*, *ilmurran* (dividido entre primogênitos e caçulas), *ilmornak* (primogênitos, caçulas e aposentados) e *ildasati*; cada um destes graus tem suas normas de comportamento e seus direitos e deveres, tanto na vida pública como na privada¹.

¹ Para se ter uma idéia da importância deste sistema, basta lembrar que a duração do ciclo cerimonial completo é de cerca de vinte anos: "*Le cycle rituel est constitué par neuf cérémonies principales, dont chacune concerne des thèmes relevant des structures politiques et économiques de la société et de l'organisation domestique masai: la genèse et la reproduction des classes d'âge, les statuts sexuels et reproductifs des individus, les règles alimentaires, les modèles résidentiels, les droits sur le bétail et les formes de travail.*" (Galaty, 1985: 287-330).

As abordagens teóricas das questões etárias não explicam porque há uma persistência, em certas sociedades, dos grupos etários, mesmo após uma certa idade. É na busca desta resposta que D. Paulme elaborou uma teoria dos sistemas etários baseado em dois tipos de regimes, linear e cíclico, ambos presentes na África Oriental e Ocidental. Nos dois tipos toda promoção, formada a partir da adolescência, segue um percurso definido de graus sucessivos; porém, há diferenças básicas, sendo a principal o modo de recrutamento (Paulme, 1971: 14).

- **sistema linear:** não recebem nenhuma designação especial, distinguem-se umas das outras pelo grau atingido. Reúne todos os jovens que se consideram em condições de serem submetidos à iniciação, e teria como referencial básico a idade.

Por exemplo, os *ilmurran* primogênitos protegem a comunidade e seus rebanhos, são os mensageiros e abastecem de água o gado durante o período de seca, não comem carne em público e tem um pentecado de longas tranças e armas próprias. (Paulme, 1968: 1194).

• *sistema cíclico*: o nome dado a cada grau segue marcando o indivíduo (*Souk* do Quênia, p. e. se "Cobre" designa uma promoção de quem quer que tenha sido iniciado nela, sempre será chamado "Cobre"). São reunidos numa mesma promoção os filhos dos membros da promoção anterior (*Souk* - os da promoção "Cobre" são filhos da "Latão", etc).

Ha ainda uma outra especificidade do sistema cíclico: sendo a classe do filho determinada a partir da paterna, a repartição de classes pode reforçar ou diminuir a solidariedade entre pai e filho, dependendo do número de classes presentes no sistema. No sistema linear, onde o principal papel dos grupos etários é assegurar a coesão do grupo social, os primogênitos terão, de qualquer modo, o poder, em virtude de seu status familiar, sejam eles chefes de linhagem ou não. Por outro lado, nos sistemas cíclicos, onde a repartição de deveres e obrigações aparece de modo mais estrito, como na África Oriental, onde há ausência de poder central, os mesmos são uma base para o exercício de uma esfera política.

A importância dos sistemas etários revela-se inversamente proporcional a das linhagens. Grupos etários e linhagens são dois campos da nossa análise estreitamente ligados, que podem ser diferenciados pelo tipo de solidariedade dominante em cada um deles: entre os membros de cada classe de idade predominam as relações horizontais, quer dizer, de igualdade, enquanto que no interior da linhagem são dominantes as relações hierárquicas. Em outros termos, existe sempre uma assimetria nas relações entre pais e filhos, assim como entre o primogênito e de caçula¹⁰.

Assim, as diferenças no campo da família servem de reforço para a igualdade no interior do grupo etário: "(...) les jeunes initiés qui ont souffert ensemble l'épreuve d'une nouvelle naissance se trouvent soudés par un lien dont la pensée occidentale parvient difficilement à concevoir l'intensité!" (Pauline, 1968, 1195).

Assim é que as diferenças de outras ordens, econômicas, sociais, podem, em certos casos, ser superadas pela solidariedade e reciprocidade estabelecida entre os membros de um mesmo grupo etário. Um outro

¹⁰ É interessante notar que no *Dicionário Aurélio*, temos que "caçula" vem do quimbundo (*kasula*), e refere-se mais a situação de irmãos do que a idéia de "primogênito" (*protos geminos*), não havendo portanto simetria entre os termos.

De um modo geral, estes dois termos podem comportar prioritariamente um sentido de diferença entre filhos, *caçula*, ou um sentido mais próximo a relação entre geração, procriação, na termo *primogênito*.

aspecto digno de nota é a distinção, feita também por D. Paulme, entre solidariedade direta e indireta. Direta quando dentro de uma mesma promoção cada qual espera de seus companheiros o mesmo apoio que poderão lhe exigir; entre promoções alternadas esta solidariedade também pode existir, mas entre promoções sucessivas há uma relação de primogênito e caçula, e a solidariedade é indireta (Paulme, 1968: 1195).

Em resumo, nesta concepção, os *grupos etários* teriam um caráter mais informal em relação às *classes etárias*; a diferenciação social que neles tem origem é menos rígida e os comportamentos, intra ou extra-grupo, são definidos de modo menos explícito. Na África Austral, especificamente entre os grupos "bantos", o modelo é menos estrito, e o sistema é geralmente de tipo linear. Adotamos, portanto, a expressão *grupo etário* quando tratamos de casos em que dominam o caráter abrangente e não formalizado desta instituição, como por exemplo, entre os Makondes de Moçambique¹¹.

Conflito de gerações e estrutura familiar

As bases conceituais dos estudos sobre os sistemas etários, conforme nos referimos anteriormente, continuam sendo as mesmas dos anos 50. A quase totalidade dos trabalhos é descritiva, sendo válidas as conclusões de D. Paulme, do início da década de setenta, ao analisar o conjunto dos trabalhos apresentados num congresso internacional especificamente sobre os grupos etários: "(...) *nous sommes encore mal informés sur les conditions d'existence de l'institution, la diversité de ses formes, surtout ses multiples fonctions*". (Paulme, 1971: 9)

Teoricamente, este campo de reflexão continua sendo definido pelo estudo do processo de socialização. Sabemos que esse processo realiza-se através da relação que a criança mantém com aqueles que exercem, inicialmente, as funções de maternagem e paternagem, generalizando-se a seguir para os outros membros da sociedade. A socialização, operando primariamente ao nível familiar, realiza-se por identificação e aprendizado, baseados numa diferenciação irreduzível entre o mundo dos adultos, pais, e o das crianças. As diferenças entre estes dois grupos é sempre enfatizada pelos adultos, ampliando a justificativa da hierarquia no interior da família para além da descendência. Estabelece-se então uma generalização do status de

¹¹ A etnia Makonde do Norte de Moçambique foi a base para o desenvolvimento da nossa pesquisa de doutoramento.

adulto para além dos limites familiares. o que equivale a uma internalização da imagem do adulto.

O que permite concluir que: "*It becomes understandable from the foregoing that age definitions and differentiation are of great importance both to the social system and so the individual personality. For the social system it serves as a category according to which various roles are allocated to various people; for the individual, the awareness of his own age becomes an important integrative element, through its influence on his self-identification.*" (Eisenstadt, 1956: 28)

Portanto, o sistema de grupos etários é necessariamente complementar, definindo uma expectativa de papéis que é fundamental para a manutenção e reprodução social. Ao mesmo tempo, exige-se no desenvolvimento do indivíduo uma adequação de sua personalidade e a aceitação de um conjunto de atitudes (obediência, cooperação e pré-disposição para ocupar posição de autoridade). Desse modo, se por um lado é no interior da família que se inicia o processo de socialização e que se abre ao indivíduo a necessária generalização do status de adulto, por outro ela mesma restringe, no seu interior, o acesso a este status. As relações hierárquicas fixadas pela descendência impedem que o indivíduo, no interior do quadro familiar, possa desenvolver plenamente a sua personalidade e as atitudes que lhe permitiriam atingir plenamente a condição de adulto.

A relação entre o campo etário e a família é essencial, pois, desde a própria definição das idades, *supra*, o critério de diferenciação nunca é biológico. A diferenciação biológica, que é fluida, quer pela seleção de uma cronologia entre muitas possíveis, quer pela variação individual, se sobrepõem as cerimônias que marcam a nubilidade social. Desse modo, a categorização etária mínima está fundada na legitimidade da reprodução sexual, o que corresponde a uma ligação definitiva entre idade e estrutura familiar.

Num plano mais teórico, esta relação está presente em termos de uma função dos grupos etários. Para S. N. Eisenstadt (1956: 50), os grupos etários têm como função intrínseca estender a solidariedade familiar para a toda a sociedade. Porém, esta passagem implica numa superação da restrição que a própria família impõe, impedindo o pleno desenvolvimento dos seus membros até o estado de adulto, o que não se faz sem conflito entre estas duas instâncias.

Observa-se então uma aparente contradição na lógica de S. N. Eisenstadt, pois, de um lado ela restringe o acesso a condição de adulto, e por outro fornece o modelo de solidariedade que os grupos etários tendem a espalhar pela sociedade. Para entendermos melhor esta questão, devemos lembrar que os modelos básicos de comportamento aprendidos no interior da família reforçam essa mesma, digamos, ambigüidade. Os laços internos, que são de solidariedade entre os membros da família, também são marcados pela dissimetria pela descendência.

Esta posição particular dos grupos etários entre a família e a sociedade como um todo é analisada no último capítulo de *From Generation to generation*, onde é discutida a função integrativa dos grupos etários. Em outros termos, a contribuição dos grupos etários para o desempenho dos papéis institucionais e para a aceitação das orientações de valores, ou seja, a sua função de integração. Porém, essa função, própria dos grupos etários, permanece sem explicação, muito embora ele considere que ela deveria ser estudada com profundidade (Eisenstadt, 1956: 217). Entende-se desde logo a importância da *função de ligação* dos grupos etários, pois, do ponto de vista funcional, ela realiza a ligação entre a família e outras esferas institucionalizadas da sociedade (políticas, econômicas, religiosas, etc).

Um outro aspecto importante do trabalho de S. N. Eisenstadt, é a sua clássica demonstração de que os grupos etários tendem a surgir quando a estrutura da família, ou o grupo de descendência, bloqueia as oportunidades dos membros mais jovens alcançarem um novo *status* social dentro da família (Eisenstadt, 1956: 56). Este bloqueio pode ocorrer quando os membros mais velhos limitam o acesso dos mais jovens às facilidades que são pré-requisito dos papéis dos adultos, ou pelas restrições das relações sexuais no âmbito da unidade familiar, postergando a conquista da maturidade sexual. Os limites impostos pelas posições de descendência e as leis de exogamia, impedem o desenvolvimento pleno dos indivíduos no âmbito da experiência familiar. Por outro lado, a valorização do status de adulto, que ordena a estrutura de autoridade no interior da família, atua no momento em que se ressentem os limites familiares, como uma força positiva em direção à sociedade.

A instituição dos *grupos etários* impõe novas fronteiras àquelas dadas pelo parentesco e pela descendência. Essa instituição introduz novas relações de solidariedade e de subordinação entre indivíduos que não têm necessariamente relações de parentesco entre si, e, ao mesmo tempo, ultrapassa os limites impostos pelas linhagens. Este sub-sistema da estrutura

social abre um espaço para o desenvolvimento das relações sociais, e acresce um fundamento social ao poder político, ao impor "valores universais" sobre aqueles que poderiam ser ditos "particulares", ou seja, restritos às relações de parentesco. Ele pode mesmo operar em contradição com o sistema de relações sociais estabelecido pelo parentesco e descendência, sobretudo onde o grupo etário mais importante, o dos guerreiros, impõe a seus componentes o celibato e a inserção mínima nos quadros do parentesco.

Assim, deve-se sublinhar que o papel essencial dos grupos etários é fundar uma estratificação social estranha ao parentesco, que permita a realização de funções específicas, rituais, militares e políticas. Ultrapassando os limites da linhagem, os grupos etários reforçam a coesão do grupo local (aldeia) e são responsáveis pela repartição de poderes e de atividades coletivas, sobrepondo-se, por vezes, às linhagens; essa sobreposição pode gerar uma tensão entre eles e as linhagens. Este fato é mais evidente nas sociedades em que os processos de iniciação ou de promoção formam grupos compostos de indivíduos de diferentes linhagens, cuja solidariedade entre os seus membros sobrepõe-se àquela das linhagens.

A aproximação dos grupos etários com a constituição do grupo local pode ser tão forte, em certos contextos, que E. Leynaud (1966), num estudo sobre os *Malinke* (Senegal), compara a dinâmica das promoções a um modelo reduzido do grupo local. Seria, portanto, um erro concluir que há uma separação total entre grupos etários e linhagens¹². Além da socialização iniciar-se no círculo do parentesco, que permanece como referência para os indivíduos, há um fato muito peculiar: o tratamento entre promoções sucessivas retoma, via de regra, a terminologia de parentesco. É comum o uso de termos tais como "irmãos", "primogênito", "caçula", e mesmo "pais" e "filhos" entre membros de duas promoções sucessivas. Por tratar-se de uma questão bastante complexa, faz-se necessário um detalhamento sobre o sentido desta terminologia.

Em primeiro lugar, conforme nos referimos anteriormente, as imagens desenvolvidas no âmbito da família são generalizadas para o restante da sociedade, de tal sorte que a própria hierarquia baseada na descendência é generalizada a partir da experiência familiar, a qual concentra-se na questão da idade: *"This emphasis on age differences is usually accentuated by the fact that, throughout the period of socialization, the child is not the only one*

¹² Esta relação é tão íntima que encontramos por vezes a temática das idades no interior de uma discussão sobre a temática da família, como no trabalho de Alexandre (1984).

in his age span, but one of a group of children whose basic similarity is felt by them and stressed by the adults" (Eisenstadt, 1956: 27).

A identidade de posições comuns entre as crianças de uma mesma família, em contraste com a singularidade dos pais, faz com se construa a noção de categoria etária. A generalização desta experiência faz com que a idade apareça como uma espécie de multiplicador da descendência, pois, ao ser projetada sobre as relações sociais, a experiência infantil reproduz nela a sua vida familiar.

Essa questão, que para nós é uma hipótese de trabalho, está condensada brilhantemente na seguinte passagem de D. Paulme (1971: 12): "*(...) si les rapports entre classes d'âge se modèlent sur les relations intra-familiales, la promotion s'ordonne à l'image du village (...)*".

Comparando-se os tipos de relações que se estabelecem no interior dos grupos etários, onde há fortes laços de solidariedade baseados na igualdade de seus membros, as relações familiares, por contraste, apresentam-se fortemente hierárquicas, como pode ser constatado nas relações entre os diferentes graus etários. Assim, os pais ou os mais velhos do grupo detêm uma autoridade sobre os mais jovens, gerando uma tensão que exige uma constante superação dos domínios familiares. Um mecanismo de regulação destas tensões pode ser o estabelecimento de regras de residência que distanciem ou separem os membros da família quando atingido o limite, *supra*, considerado restritivo. Em resumo, o sistema de grupos etários teria então uma função, digamos, compensatória; ou seja, ele se opõe às relações de parentesco, embora tenha funções análogas. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, não se pode deixar de registrar que a importância do parentesco torna-se ainda mais evidente quando lembramos que em certas sociedades (na Nigéria, p. e., entre os Yoruba e os Yakö), o acesso aos grupos etários está limitado àqueles que têm riquezas; aos outros cabe negociar com os parentes o financiamento que garante a sua participação no grupo etário, sempre destacando que esta será uma honra da qual todos poderão se orgulhar.

O caráter funcional do sistema de grupos etários tem no antagonismo entre as gerações um elemento dinâmico intrínseco. A oposição entre as gerações aparece no seio da própria família, ainda que a unidade familiar normalmente seja mantida; a tensão está sempre presente em estado latente. Este caráter conflitivo entre gerações manifesto na unidade familiar havia

sido identificado por R. Lowie, que considerava-o um conflito mais aberto, para além das barreiras da família - um combate entre classes.

“S'élever au-dessus des limitations imposées par l'âge demande un effort d'imagination dont la plupart des esprits sont incapables. Les gens âgés, se targuant de leurs expériences, n'apprennent jamais à s'abstenir sagement de donner des conseils qui ne seront pas suivis et ne pourront pas l'être; ils ne rendent pas non plus compte de l'ennui profond que cause à leur jeune et impatient auditoire le récit interminable et vain de leurs souvenirs. Les jeunes, de leur côté, sont tentés de traiter les anciens de radoteurs bien intentionnés tout au plus, et de n'en faire aucun cas, mais ils n'ont pas le don prophétique qui leur ferait distinguer la sénilité pure de l'expérience de la vie. Souvent la rupture peut être évitée, mais il subsiste toujours la possibilité latente de discorde et une incompatibilité manifeste de pensée, de goûts et de mode d'existence. Il va de soi que cet isolement des générations ne se limite pas à la famille, puisque c'est en son essence non un combat personnel, mais une lutte de classes” (Lowie, 1936: 294).

O antagonismo entre gerações ganha forma no seio da família, mas estende-se para além dela. Para R. Lowie, o verdadeiro conflito, aquele capaz de atingir o corpo social, não está nas relações individuais, mas nas classes. Desse modo, o conflito ultrapassa os domínios da família, deixando de ser um problema entre pais e filhos, e ganhando de imediato uma dimensão social.

O campo do conflito de gerações

Nos anos 50 a 70, o campo do conflito de gerações ganhou uma grande visibilidade, tendo sido objeto de reflexão em toda a literatura especializada, desde S. N. Eisenstadt, M. Mead a D. Paulme. A ideia do “conflito de gerações” está tão presente entre nós, atualmente, que tendemos a considerá-la como um processo universal, senão natural. Este processo tomou contornos de uma espécie de “implícito cultural” do nosso imaginário sobre a passagem para a “idade adulta”. Basicamente, pode identificar-se, entre os adultos, três tipos de ideias dominantes sobre a questão (Manning, 1983: 824-9):

- a adolescência é um período onde predominam os comportamentos anti-sociais, e é marcada pela rebelião
- a adolescência como fase do desenvolvimento pessoal sempre existiu ao longo da história e em todas as culturas

- há provas de que haja um conflito de gerações

Considerando, em primeiro lugar, a associação imediata e universal entre “adolescência” e rebelião, podemos afirmar que se trata de uma associação que não encontra fundamento antropológico, desde os estudos de M. Mead sobre o sistema etário entre os Samoa no final dos anos 20. Esta fase universal de turbulência característica do desenvolvimento pessoal, não encontra qualquer amparo antropológico, e a sua razão de ser parece estar ligada às nossas projeções e contradições frente ao “adolescente”, dando origem a uma fantasia dos adultos¹³. Deste ponto de vista, a idéia da “rebelião” deveria ser encarada mais como uma construção defensiva dos pais para dar sentido ao processo de entrada na “idade adulta” dos filhos, do que como uma característica comportamental. Tratamos este fenômeno do mesmo modo que G. Devreux (1977) analisa o Complexo de Édipo, ou seja, em termos de uma complementaridade de perspectivas entre pais e filhos, o que implica na negação da unilateralidade do desejo ou ódio do filho e na busca das motivações dos pais.

Um evento que nos serve de referencial para as mudanças ocorridas a partir dos anos 50 ficou conhecido como *Maio de 68*, e teve as suas múltiplas facetas analisadas por E. Morin. Dentre elas, destacamos a perda de domínio dos velhos¹⁴, num processo de *degerontização*:

“Com o desenvolvimento das civilizações a autoridade dos velhos se degrada, o acesso à idade adulta é abrandado; não há ruptura dilacerante entre a infância e a idade de homem; o casulo familiar cerca, durante muito tempo com sua tépida proteção, a formação do indivíduo; o adensar o reino da mãe não é consumado, a não ser pela morte” (Morin, 1967: 132).

¹³ Tomamos o termo seguindo a carta (02.05.1897) da famosa correspondência entre Freud e Fliess, onde o primeiro escreve: “As fantasias são construções defensivas, sublimações e ornamentações dos fatos, servindo simultaneamente a propósitos de auto-exoneração.” (Mezan, 1986: 187).

¹⁴ Notamos que a expressão *velho*, pelo menos para as sociedades tradicionais, é preferível em relação a *ancião*, cuja conotação é eminentemente positiva, porque que a figura que representa mais completamente as pessoas idosas deve conter a ambigüidade em torno da qual as diferentes culturas e em diferentes momentos históricos parecem ter oscilado.

O contexto mais amplo deste processo é sem dúvida a sociedade de massas, e o enfraquecimento da imagem paterna¹⁵. Este quadro de mudanças parece melhor definido com os conceitos de *pós-figurativo*, *co-figurativo* e *pré-figurativo* criados por M. Mead (1979: 30). O seu trabalho está voltado para a especificidade cultural, e, através dos referidos conceitos, procura dar conta de uma realidade essencial do fenômeno etário. Em grandes linhas, ela afirma que o processo em curso poderia ser caracterizado pela mudança da referência de formação dos indivíduos, ou seja, aquela que fornece os modelos que guiam a estruturação de suas personalidades. Assim, são definidos três tipos de cultura delimitados a partir do universo de formação próprio de cada sociedade:

- *pós-figurativo*: as crianças são instruídas antes de mais nada pelos pais;
- *co-figurativo*: as crianças e adultos aprendem de seus próprios pares;
- *pré-figurativo*: as crianças também ensinam a seus pais.

Ao invés de tirar a consequência das mudanças em termos de relações de poder, como o fez E. Morin, neste modelo são destacados os aspectos de formação e do sentido do fluxo de informação entre os dois pólos do processo de socialização. Os três tipos de cultura podem seguir uma seqüência histórica, mas não necessariamente. Tratam-se de tipos ideais, ou seja, uma topologia das culturas que são apenas modelos para pensar a realidade. A tendência ao predomínio dos tipos co-figurativo e pré-figurativo, parece caracterizar adequadamente o momento atual da nossa sociedade. Esta tendência pode ocorrer em diversas sociedades e por várias razões, como por exemplo: uma catástrofe que liquida a população idosa; o desenvolvimento de novas tecnologias, as quais as pessoas idosas têm dificuldade de dominar; processos migratórios; uma conquista, onde há submissão à cultura do conquistador; ou num processo revolucionário. O centro da atenção neste modelo está, portanto, na inadequação das respostas dos pais face a situações em mudança, que podem corresponder a situação colonial, migração, etc, e não seria uma característica da sociedade de massa como se refere E. Morin¹⁶.

¹⁵ Trata-se de uma temática capital para o estudo das relações etárias e para o conhecimento da sociedade industrial moderna. Nos limites deste artigo, sugerimos a leitura da conhecida obra de Mitscherlinch (1969).

¹⁶ É preciso lembrar que E. Morin (1967) tem como objetivo a análise da sociedade de massa, e por esta razão é justo concluir com ele que, para esta situação específica, vale mais a *adesão ao movimento* do que a experiência acumulada. Na terminologia de M. Mead, diríamos que se trata de uma situação co-figurativa.

A situação observada por M. Mead é bastante complexa, e expressa de um modo muito preciso a perplexidade dominante nos anos 60-70, tanto no caso dos pais, quanto dos filhos. As duas passagens seguintes registram a observação direta da autora e mostram a especificidade do quadro daquela época nas sociedades urbano-industriais:

*"(...) au cours des années soixante et soixante-dix, on pu assister à un phénomène entièrement nouveau; des parents, qui n'avaient rien de prohibitionniste rigoureux, des parents qui eux-mêmes buvaient et fumaient librement et parfois avec excès, non seulement interdisaient à leurs enfants d'user de certains plaisirs - en particulier la marijuana - mais allaient jusqu'à menacer de mort les jeunes qui en prenaient. Pour les parents obsédés, devenir adulte ne faisait aucun bien à leurs enfants; au grand jamais ils ne serraient autorisés de fumer de l' 'herbe'. D'où pouvait donc venir un comportement aussi complètement irrationnel? Qu'est-ce qui pouvait pousser les parents en colère à répondre, un apéritif à la main, une cigarette à la bouche, lorsqu'on leur objectait l'analogie entre la cigarette, l'alcool et **Cannabis Sativa**: 'Je ne vois pas ce que l'apéritif vient faire là-dedans'".*

"Du côté des enfants, on pouvait constater de signes de changement, tout aussi nouveaux et à première vue inexplicables; ils réagissaient aux sermons et aux conventions sociales non point à coup de slogans révolutionnaires ou religieux - comme l'avaient toujours fait, jusqu'ici, les jeunes gens en rébellion - mais par des avalanches d'obscénités, repoussant les commentaires de leurs parents avec la même monotonie que celle de la musique amplifiée électronique qui les protégeait de leur présence" (Mead, 1979: 14).

Ambos, pais e filhos, estavam a procura de uma nova identidade, uns e outros percebiam que estavam mergulhados num mundo sem precedentes. Cada qual então se fechava sobre si mesmo, e, ampliando cada vez mais a distância que os separava, aprofundava-se o fosso entre eles. O conflito de gerações é sem dúvida um fenômeno social com base etária e desdobramentos nas relações intra-familiares. Além disto, destaque-se que, no seu conjunto, estas manifestações não tomaram as proporções, digamos, revolucionárias. Tratava-se de uma busca de uma nova identidade.

Tampouco resiste ao exame científico a idéia de que a "adolescência" tenha sempre existido ao longo da história da "civilização ocidental". Assim

como a idéia da universalidade, discutida anteriormente, não se encontram registros capazes de demonstrar a existência desta fase fora dos contornos da moderna sociedade industrial. No exaustivo levantamento histórico-cultural realizado por P. Ariès (1963) sobre a infância no chamado *antigo regime* na França nada foi encontrado de próximo a nossa noção de adolescente.

Esta questão está intimamente ligada às transformações sócio-econômicas que tiveram curso em período recente da nossa história, com desdobramentos na significação da vivência familiar e, particularmente, no fim dos ritos de iniciação que marcam a passagem para o mundo adulto. Por esta razão, E. Morin (1967: 137) afirma que "*a adolescência surge enquanto classe de idade na civilização do século XX*".

Nas sociedades tradicionais¹⁷, onde há ritos de iniciação, a passagem é feita de modo coletivo e institucionalizado, não permitindo o alongamento do período de passagem para a idade adulta, nem a sua solução individualizada. Na realidade, nenhuma experiência humana, sobretudo aquelas que implicam em transformação de status social, pode ser totalmente isenta de conflito. Por outro lado, estudos empíricos levados à cabo por psicólogos durante o próprio período do conflito entre gerações demonstram que, em geral, os "jovens contestadores" dos anos 60-70 se davam bem com seus pais, e que poucos entravam em choque com os valores básicos. Ora, a noção de "conflito de gerações" pressupõe justamente uma divergência direta de opiniões entre pais e filhos. Surpreendentemente para alguns, as pesquisas empíricas realizadas nos Estados Unidos da América, no início dos anos 70, revelaram que: "(...) em geral, havia poucas divergências entre a geração mais jovem e as mais velhas, numa ampla variedade de assuntos - com exceção do sexo". (Gallatin, 1978: 397).

O que parece importante reter desta discussão para os objetivos da nossa exposição é que a idéia de rebelião associada o universo dos jovens é antes de mais nada uma apreciação limitada ao ponto de vista do adulto, e que não se trata de conflito entre pais e filhos que amplie as distâncias, mas de construção de identidades próprias.

¹⁷ Neste trabalho utilizamos o termo "tradicional" apenas para diferenciar o conjunto das sociedades outras que as modernas sociedades industriais. Relativamente a sociedades negro-africanas referimo-nos mais especificamente a situação pré-colonial. Este termo tem uma função contrastiva, não podendo qualificar as sociedades assim designadas. Lembramos também que, etimologicamente, "tradição" está ligada a idéia de transmissão, ou seja de uma cadeia que liga o passado e o presente.

Do ponto de vista teórico, cabe ainda destacar um último ponto que não tem recebido a devida atenção. Trata-se da capacidade de articulação entre o estudo concreto de um determinado grupo etário, segundo a perspectiva de cada disciplina, e o conhecimento da dinâmica etária global da sociedade na qual ele se inscreve. É assim que os estudos relacionados, p.e., com a chamada "terceira idade", atingem a real dimensão do fenômeno como experiência vivencial, quando se voltam também para o processo de envelhecimento e o estudo do sistema etário como um todo¹⁸.

Dentro dos limites deste trabalho, procedemos a uma revisão das bases antropológicas da dinâmica etária, como uma construção histórica específica que molda o ciclo vital da existência humana. Entendemos que a nossa capacidade de compreender as diferentes formas desse ciclo depende do conhecimento das suas múltiplas dimensões e dos avanços concretos obtidos pela demografia, psicologia social, medicina, biologia, dentre outras especialidades. Porém, acreditamos que o ponto de partida para um diálogo mais eficiente é a sistematização dos avanços teóricos de cada disciplina, que, mostrando as suas fronteiras, contribua para a real aproximação dos interlocutores.

Bibliografia

- ALEXANDRE, P. **Les Africains. Initiation à la longue histoire et à de vieilles civilisations, de l'aube de l'humanité début de la colonisation.** Paris: Éditions Lidis, 1984.
- ARIES, P. **L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime.** Paris: Seuil, 1963.
- DEVEREUX, G. **Essais de d'ethnopsichiatrie générale.** Paris: Gallimard, 1977.

¹⁸ Estamos preparando um texto em que esperamos que estas afirmações teóricas possam ser concretamente mostradas. Trata-se de uma reflexão sobre a dinâmica etária nas sociedades negro-africanas tradicionais, com ênfase para o caso dos Makonde de Moçambique.

Dada a especificidade destes dados, apontamos desde já que não se trata de uma busca de lições no "exotimos" negro-africano, mas de um estudo de uma sociedade específica e das formas pelas quais nela são vividas as recorrentes experiências das "idades da vida". Nenhuma sociedade resolveu plena e definitivamente os sempre renovados desafios das idades, e nenhuma pode nos oferecer um modelo, pois eles apenas tem sentido no seu próprio contexto. Porém, os resultados destas pesquisas podem ser úteis também para a melhor compreensão da nossa cultura.

- EISENSTADT, S. N. **From Generation to Generation: age groups and Social Structure**. Londres: Glencoe, The Free Press, Routledge, 1956.
- _____. "African age groups: a comparative study", **Africa**, (24), 1954.
- GALATY, J. G. "Aïnesse, cyclicité et rites dans l'organisation des âges masai". In ABÉLES, Marc & COLLARD, Chantal. (compil.) **Age, pouvoir et société en Afrique Noire**. Paris: Montreal, Karthala, P.U.M., 1985, pp. 287-330.
- GALLATIN, J. **Adolescência e individualidade**. São Paulo: Harbra, 1978.
- LEYNAUD, É. "Fraternités d'âge et sociétés de cultures dans la Haute Vallée du Niger". **Cahiers d'études africaines**, 4(21), 1966.
- LOWIE, R. **Tratado de sociologia primitiva**. Paris: Payot, 1936.
- MANNING, L. "The three myths concerning adolescence". **Adolescence** 18(72): 824-9, 1983. apud FIGUEIREDO, E. **No reino de xantum. Os jovens e o conflito de gerações**. Porto: Edições Afrontamento, 1985.
- MEAD, M. **Le fossé des générations. Les nouvelles relations entre les générations dans les années 1970**. Paris: Denoël/Gothier, 1979 (ed. Plon, 1970).
- MEZAN, R. **Freud: um pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MITSCHERLINCH, A. **Vers la société sans père. Essai de psychologie sociale**. Paris: Gallimard, 1969.
- MORIN, E. **Cultura de massa no século XX. O espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1967.
- PARSONS, T. & SHILS, E. A. **Toward a general theory of action**. Cambridge: Harvard University Press, 1951.
- PAULME, D. "Classes d'âge (Anthropologie)". In **Encyclopedie de la Pleiade**, p. 1195, 1968.
- PAULME, D. (ed.). **Classes et associations d'âge en Afrique de l'Ouest**. Paris Plon, 1971.
- RIFIOTIS, T. **Aldeias de jovens: a passagem do mundo do parentesco ao universo da política em sociedades banto-falantes. Abordagem sócio-antropológica da dinâmica dos grupos etários através da literatura oral**. São Paulo: (Tese de Doutorado), USP, 1994.
- ROSENMAYR, L. "Les étapes de la vie". **Communications** ("Le continent gris", 37). Paris: Seuil, 1983.